

CONTO DE SARA FARINHA



*DRAGÕES
DE SIMIR*

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Dragões de Simir

by Sara Farinha

Copyright 2013 by Sara Farinha

Cover image by Rui Alex

Smashwords Edition

ISBN: 9781301305636

Smashwords Edition, License Notes

Thank you for downloading this free ebook. Although this is a free book, it remains the copyrighted property of the author, and may not be reproduced, copied and distributed for commercial or non-commercial purposes. If you enjoyed this book, please encourage your friends to download their own copy at Smashwords.com. where they can also discover other works by this author. Thank you for your support.

I

Os Dragões de Simir

Cole sobrevoou a montanha, coberta de gelo, lançando-se sobre Tristan. Naqueles momentos, de luta e voos picados, de mente tomada pelos desígnios do dragão, Cole era todo ele animal. A sua metade humana relegada para os confins da sua consciência enquanto a poderosa e sedenta besta assumia o poder. Na sua forma animal, Cole era um possante dragão cor de cobre. As suas enormes asas batiam sem esforço, sustendo e guiando-o para o derradeiro ataque.

Conquistando a vantagem de posição sobre Tristan, o dragão de escamas tão amarelas que sob a luz certa se confundiam com o sol, Cole calculou a distância e apontou as suas garras ao dorso do oponente. Num voo picado, fincou as suas garras dianteiras na grossa camada de escamas de Tristan, obrigando-o a rodar sobre si mesmo para evitar o que seria um golpe capaz de o estripar.

Numa tentativa de o incapacitar, Tristan cuspiu uma labareda de fogo. Cole, desviando-se da erupção, tombou o lombo para a direita entrando numa queda livre sobre o vale, arrancando escamas e trazendo pele agarrada às suas oblongas unhas. Ao longe ribombava o canhão que declarava o final da escaramuça.

Forçado a regressar, Cole cuspiu fogo quando aterrou na plataforma do centro de treino. Enraivecido pelo cheiro do sangue de Tristan, era um desafio retornar à forma humana, quando ainda estava tão longe de saciado na sua vingança. Envolto na espiral vaporosa que anunciava a sua transformação, ele não abrandou o passo, irrompendo pela sala de controlo dos treinos.

– Porque raio fizeste isso? – Cole gritou, numa fúria dirigida ao dragão que moderava todas as escaramuças entre os dragões do Complexo de Treino de Simir.

– Arrancaste-lhe escamas. A dívida está saldada. – Jaim respondeu, assumindo o seu tom de voz de comando.

– Nem pensar! – Cole bramiu.

– Cole, acalma-te. A decisão está tomada.

Tristan aterrou, em esforço evidente. Os golpes infligidos pelas garras do seu opositor penetraram a pele arrancando tudo à sua passagem e deixando-o quase esventrado. Demoraria algum tempo até que as suas escamas cobrissem totalmente os rasgões que cobriam o flanco e parte do abdómen.

Forçar o seu corpo a assumir a forma humana era uma dor excruciante e, assim que as suas escamas douradas

desapareceram na espiral de vapores, foi amparado por um dos assistentes do centro de treino e carregado até à sala de controlo.

O seu cabelo loiro colava-se à face reluzindo em suor, os olhos exibiam ainda o tom de ouro líquido próprio da sua metade inumana e parte do seu abdómen pendia rasgado para além da recuperação natural. Se Tristan fosse meramente humano aqueles golpes teriam exposto as suas entranhas e obrigado a ser remendado na mesa de operações cirúrgicas. Como metamorfo, estaria de pé em algumas horas.

A visão ensanguentada de Tristan só contribuiu para aumentar a fúria de Cole. Desejava limpar o chão com as entranhas daquele imbecil e livrar o mundo da sua arrogância. Matá-lo seria o mais sensato depois dos acontecimentos que haviam transpirado naquela manhã.

Jaim deu um passo para o lado, colocando-se deliberadamente entre os dois. Os seus olhos fitavam as íris castanhas de Cole. Os vestígios de cobre nos seus olhos anunciavam que ainda estava sob a influência do seu dragão, a sua humanidade presa por fios translúcidos sempre que o animal ameaçava tomar posse.

– Retira-te. – Jaim ordenou, fitando-o.

Se o metamorfo decidisse encarar aquilo como um desafio, Jaim não teria outra solução senão ensinar uma lição a um dos dragões mais poderosos do centro. Com dois metros e pouco de altura e a constituição física de um lutador, a sua força e rapidez igualavam a de Jaim em circunstâncias normais. Enraivecido, Jaim desconfiava que ele seria capaz de o suplantar, um confronto pelo qual não ansiava.

Cole fechou as mãos, sentindo as suas garras alongar a espetarem-se nas palmas. A dor da perfuração trazendo-o de volta à sua humanidade. Abanou a cabeça procurando expulsar o resto do animal, que exigia que o libertassem a qualquer custo, sedento de retribuição que não aplacava.

Deu um passo atrás sem desviar os olhos da criatura que fazia de barreira entre ele e Tristan. Ele iria embora, mas o desafio ficaria no ar até que pudessem lutar. Se Jaim queria sangrar por aquele imbecil, Cole iria fazer-lhe a vontade.

– Levem-no para a enfermaria! – Jaim ordenou, continuando após Tristan e os enfermeiros saírem da sala. – E tu, mantém-te longe dele!

– Quando fazemos isto? – Cole rosnou.

– Fica sujeito a marcação, como todos os desafios. Vai, Cole! Antes que faças algo de que te arrependas. – Jaim ordenou, enfiando umas peças de roupa nas mãos de Cole.

– Não esquecerei. – Cole cuspiu, recuando com relutância.

II

Penetrou nos túneis de rocha e procurou ignorar os sinais que anunciavam o fraco controlo sobre a sua metade animal. Expressamente proibidos de se transformarem dentro das grutas de Simir, apesar do tamanho de algumas secções o permitirem, era imperativo que Cole o evitasse, dominando a sua metade animal.

Lia, uma das inúmeras assistentes humanas do Complexo de Treino de Simir, esperava-o no corredor que acedia ao seu quarto. As suas mãos nervosas reviravam um medalhão que trazia no pescoço. Ao ver Cole, os seus olhos negros transbordaram preocupação, e o seu corpo tremeu visivelmente. De faces redondas, cabelos negros e olhos castanhos-claros, Lia era um dos quase setenta humanos que residiam permanentemente na fortaleza subterrânea de Simir, nas Montanhas Rochosas.

– Como está ele? – Lia murmurou.

– Vivo. – Ele retorquiou, abrindo a porta dos seus aposentos privados.

– Não devias...

- O quê? – Cole atirou, irrompendo pelo quarto.
- Enfrentá-lo. – Lia respondeu, a sua voz trémula denunciava as lágrimas que ameaçavam cair.
- Porquê? Ele quebrou as regras.
- Ninguém sabe. – Lia sussurrou.
- E, por isso, escaparia impune?! – Cole rosnou. Os seus olhos assumindo a distinta coloração cobre, característica da sua forma animal.

Lia pousou a sua mão no braço de Cole, afagando-o por cima da camisola de malha preta. Controlando a vontade de cuspir fogo e dilacerar tudo à sua volta com as garras, ele fechou os olhos, e forçou a sua besta a retrain. Quando Lia se afastou, Cole estava novamente racional, a raiva substituída por preocupação.

- Deixa-me ver. – Ele ordenou, guiando-a pelos braços em direção ao sofá.
- Não é nada. – Lia afirmou, as suas pernas tremendo a cada passo.

Cole guiou-a, amparando-a quando ela se sentou desajeitadamente. O seu metro e oitenta de altura não era nada comparado com os dois metros e pouco que ele possuía. Tão frágil quando comparada com Cole, mesmo na sua forma humana. Qualquer contacto físico com um metamorfo de dragão poderia parti-la em duas, mesmo se não houvesse intenções violentas, o que justificava a rigidez das regras e tornava os actos de Tristan ainda mais desprezíveis.

- Mostra-me o resto. – Cole insistiu, puxando suavemente a manga da camisa branca do uniforme de Lia, e expondo o pulso enegrecido.

Lia puxou a camisa de dentro das calças pretas e levantou-a, expondo o ventre. As marcas de dedos eram visíveis à distância, as impressões de sangue pisado marcavam ambos os lados da sua cintura, anunciando que em breve passariam a negras.

Cole rosou, os seus olhos voltando a mostrar a coloração cobre do seu dragão.

– Eu vou matá-lo! – murmurou, fechando os olhos e cerrando os punhos.

– Cole...

– Vou rasgar-lhe a garganta! – Cole afirmou, num tom gutural. – Ele violou a lei! Merece sofrer.

– Mas tu não mereces. Se fores atrás dele o que é que te acontece?

– Lia bramiu, aflição estampada no rosto.

– Eles que venham! – Cole rosou levantando-se abruptamente, como se preparado para enfrentar o Concelho de dragões que o puniria.

Lia levantou-se devagar, acautelando a fúria do dragão à sua frente, aproximou-se dele mantendo o corpo descontraído e vigilante aos sinais de metamorfose.

– Cole, pára com isso. – ela murmurou, voltando a afagar o seu antebraço, continuando ao fim de uns momentos de tensão que não abatia. – Ele agiu mal. Tu chegaste a tempo. Nenhum de nós formalizou uma queixa... Ele concedeu um combate e perdeu. Acabou.

– É um jogo! – Cole retorquiu, a sua voz grave projetada no espaço confinado que eram os seus aposentos, continuando – Ele não vai desistir.

Lia não podia negar. Ambos conheciam o perigo que pairava sobre todos os metamorfos de dragão. A sua natureza animal obcecada por jogos, por brincadeiras que os compeliavam a agir e a brincar com as suas presas. Eram verdadeiras máquinas de luta, formidáveis na sua força e enérgicos nas caçadas, cativos da luxúria e do colecionismo puro, não se detinham quando a sua metade animal ganhava preponderância.

Dragão e Homem conviviam, separados por uma estreita linha, o equilíbrio dependente da força de vontade, daquilo em que

acreditavam. Certos comportamentos e pensamentos acicatariam a metade animal, até que esta tomasse as rédeas, e eliminasse o Homem por completo.

Lia sabia que Tristan estava a um passo de perder o controlo sobre o seu dragão e, se Cole continuasse a reagir daquela forma, iria fazer-lhe companhia. Fora aquele instinto que desencadeara a guerra há umas décadas atrás. Humanos e metamorfos gozavam de uma paz fragilizada, todos eles conscientes de que tão perigosos eram os que tombavam por loucura, como os que tentavam combatê-los.

III

– Mazu e os Quatro Dragões. – Jaim ofereceu, os seus olhos azuis brilhavam mostrando que o seu dragão ameaçava vir à superfície.

– Chamamos o Concelho quando não conseguirmos lidar com o problema. – Cole afirmou, repudiando a ideia de denunciar um dragão, mesmo um como Tristan, ao Concelho de Dragões de Ryuma.

– Talvez o caso não seja tão grave como pensamos. – o treinador de Simir murmurou, contemplando o chão à sua frente.

– Talvez sejas cego! – Cole retorquiu.

Lançando-lhe um olhar reprovador, Jaim continuou – Disciplinar um dragão adulto é tarefa quase impossível...

– Foi assim que começou. A dificuldade em conter o dragão... Não chega? – Cole retorquiu, esfregando o rosto com violência.

– Sofremos as consequências. – Jaim assentiu, passando a mão pelo escalpe coberto de curtos cabelos acinzentados.

Cole levantou-se abruptamente, como se movido pelas memórias da guerra que o despertavam para a luta. De costas para Jaim sussurrou – É o preço da nossa arrogância. Uma nova guerra e falamos da extinção, a deles ou a nossa.

– Tristan será detido, se for o caso. – Jaim retorquiu, ensombrado por memórias sangrentas de anos de luta.

– A minha prioridade é a segurança de Lia. – Cole retorquiu, fixando os seus olhos acobreados nos azuis de Jaim.

– Tenho de tentar contê-lo... Quanto a ti, guarda as tuas garras. Não preciso de dois dragões à solta em Simir.

– Trata do tema como quiseres. Eu farei o mesmo. – Cole retorquiu, dirigindo-se para a porta de saída do gabinete de Jaim.

– Cole! – Jaim rosnou.

– A segurança dela está primeiro. Já lhe tirei demasiado... Prometo-te que ele não volta a tocar-lhe. – Cole afirmou, batendo com a porta atrás de si.

Cole marchou até à plataforma de instrução. Soltar o seu dragão enquanto estava naquele estado talvez não fosse a opção mais segura mas precisava da liberdade que a sua metade animal lhe proporcionava.

No céu, dragões de várias cores voavam livremente. Os jovens, em aulas supervisionadas, aprendiam a controlar os movimentos essenciais ao voo. Observar os miúdos a aprender a usar a sua musculatura animal era inspirador e, de certa forma, apaziguava-o.

Nu, sobre a plataforma de aterragem artificial que pairava sobre o precipício, Cole sentia o ar gélido morder-lhe o corpo. Forçando a transformação, caminhou em direcção ao vazio gelado que se estendia a pique. Um passo final na sua forma humana e, no próximo, já sentia as suas massivas asas estenderem-se e o ar frio descendente invadir as suas narinas.

Voar era sublime. Deixar que o animal tomasse conta do homem era uma sensação sem igual. Aí residia o perigo para todos os metamorfos. Um passo em falso, um desvio do peso na balança, uma emoção demasiado forte e todos os esforços para manter a racionalidade se esvaíam restando o animal, feroso, irascível... violento. Era em momentos como aquele, em que Cole sentia o ar

passar através das suas escamas, as nuvens por baixo de si e o sol aquecendo a paisagem, que ele ansiava pela liberdade que só a sua consciência animal lhe trazia.

O sol descendia enquanto Cole sobrevoava as Montanhas Rochosas. Em baixo a extensão do lago Moraine reflectia a cor azul do céu enquanto Simir, um dos centros de treino para metamorfos, tinha vista panorâmica sobre ele, ocupando o interior de um dos cumes gelados do Vale dos Dez Picos no Canadá.

Sobrevoou o lago, apontou para norte e percorreu quilómetros de território Canadense. O seu dragão, despido de pensamentos humanos, deleitava-se com a sensação de liberdade. A escuridão aproximava-se rapidamente e Simir parecia tão distante, um refúgio para a sua metade humana e uma cela para o dragão.

Lia precisava dele, ele devia-lhe a sua protecção. O seu voto fora firmado sobre a sua falha sangrenta e dragão e homem iriam defendê-la até à morte.

IV

Lia observava o pôr-do-sol, sentada num banco escavado numa varanda rochosa, ao lado da plataforma de voo. Na sua mente desfilavam as palavras trocadas com Cole, a imagem do seu rosto tolhido pela preocupação, arrancando-lhe um tremor. Aquilo não correra nada bem, e ela temia que o que assombrava Cole, pusesse em causa a sua sanidade mental. Cada recordação da violência de Tristan ameaçava o frágil equilíbrio.

Ela agradecia a vida que os metamorfos lhe haviam proporcionado, sem família e sem nada que pudesse chamar de seu, fora acolhida por um dos casais de humanos que vivia em Simir. Crescera consciente de que a sua dívida para com os metamorfos, para com Jaim em especial, era grande.

Assim que atingiu a maioridade dedicou-se às variadas tarefas administrativas de gestão daquele complexo educativo. Simir era a

sua casa e os dragões eram a sua família. Ela não se imaginava a viver em nenhuma outra parte do mundo.

Cole, o dragão com uma maravilhosa cor de cobre, vivera em Simir por períodos de tempo irregulares. Com cinco décadas de diferença, e aparentando apenas três delas, ele fora o seu irmão mais velho, a sua primeira paixoneta e um protector frequente. Agora ele era, acima de tudo, um amigo. Alguém que precisava de ser protegido da ferocidade da sua metade animal.

Pelas regras dos metamorfos, humanos e Dragões nunca se misturavam, apesar da convivência. Ela nunca seria mais do que uma irmã a proteger, uma humana privilegiada, pela estreita convivência com Cole. A sua presença podia ser um perigo mas era, em simultâneo, apaziguadora dos instintos do dragão, e ela estava em paz com isso.

Sentiu o peso da mão de Cole no seu ombro arrancando-a das suas contemplações melancólicas. Sorriu e ele retribuiu com uma sobrelha levantada e olhos intensamente acobreados.

Colocando os pés sobre o assento Lia abraçou os seus joelhos, curvando-se sobre si mesma. Uma mão agarrando o outro pulso, libertando-o logo de seguida com um esgar de dor e uma inspiração entredentes.

Cole sentou-se no banco rochoso, de costas para a paisagem, agarrou na mão dela expondo a pele. O negrume que manchava a pele dos pulsos de Lia empurrava-o para um frenesim violento, visível no endurecimento das suas feições.

– Não. – Lia implorou, vendo-o fechar os olhos e inspirar profundamente.

Arrancando a mão da de Cole, ela cruzou os braços sobre o peito, o casaco de penas dificultando a fluidez de movimentos. Cole, deixou que o ar saísse dos seus pulmões numa prolongada e sonora inspiração, fitando-a intensamente.

– Como foi o voo? – Lia murmurou, procurando distrair o dragão na sua frente.

– Agradável. – Ele respondeu, desviando o olhar para o chão de pedra mármore.

– Deve ser uma boa sensação.

– Indescritível. – Cole assentiu, continuando ao fim de uns segundos

– Nunca experimentaste?

– O quê?

– Voar.

– Humana aqui, dragão aí. – Lia retorquiu, apontando para ela e depois para ele.

– Nunca te ofereceram um passeio? – Cole perguntou, de olhos escancarados e expressão incrédula.

– Talvez... – Lia retorquiu, voltando a observar a claridade no horizonte.

– Não aceitaste?

– Não.

– Porque não? – Cole insistiu, acrescentando – las gostar.

– Acho que sim. – Lia respondeu, mantendo o rosto voltado para o final do dia. – Só me convidaram uma vez. Não quis partilhar isso com ele.

Os olhos de Cole voltaram à sua tonalidade animal, as mãos fecharam-se em punhos, e inspirou novamente de forma prolongada. Tristan oferecera e ela recusara. Mais um jogo, um encurralar da presa, que provava o quanto Cole lhe permitira o espaço para uma caçada.

– Levo-te para um passeio. – Cole ofereceu, levantando-se e oferecendo a palma da sua mão.

– Acabaste de voltar! – Lia guinchou, o seu sorriso delator do quanto a ideia lhe agradava.

- Vamos! – Cole insistiu.
- Tens a certeza?
- Estou a oferecer, não estou?

Voar sobre o dorso de um animal possante era realmente uma experiência indescritível. Cole fora extremamente cuidadoso com ela. Permitiu que o equipamento de segurança fosse colocado no seu dorso, mesmo considerando a sela como uma ofensa, tal como acontecia com a maioria dos metamorfos de dragão. Ele controlou a velocidade, evitou manobras demasiado arriscadas e ofereceu-lhe a melhor viagem da vida dela.

As faces arredondadas de Lia enrubesciam perante a intimidade daquele gesto. O orgulho dos metamorfos sobrepunha-se a todos os caprichos dos que os desrespeitavam daquela forma. Mas Cole oferecera, com uma satisfação genuína. Após uma aterragem perfeita no hangar, aguardou pacientemente que um dos assistentes a ajudasse a descer e lhe retirasse a sela, transformando-se à sua frente sem qualquer embaraço.

- Obrigada! – Lia ofereceu, enquanto caminhavam nos túneis de acesso às salas comuns de Simir.

Os laivos acobreados voltaram aos olhos de Cole que se limitou a assentir, acrescentando ao fim de uns momentos – Não acredito que nunca me ocorreu oferecer.

Sem saber como lhe responder Lia sentiu o corpo a aquecer e as faces a queimar.

- Podias ter pedido. – Cole afirmou, após um momento.
- Nunca!
- Porquê?
- Vocês têm problemas com esse tema. – Ela retorquiu, esperando que a alusão ao orgulho metamorfo, dos que nunca seriam considerados montadas de humanos, o distraísse.

Cole agarrou as mãos dela e afirmou – Tu és família. Nunca te negaria nada.

Lia tremeu, forçando as suas mãos a deixar as dele. – Então peço-te que te mantenha longe de Tristan.

– O único pedido a que não posso aceder. – Cole murmurou. Voltou costas e deixou-a, de lágrimas nos olhos, no corredor.

V

Os cabelos brancos de Jaim espreitavam por cima do monitor. Curvado sobre a sua secretária, os seus olhos azuis, enquadrados por uma armação de massa escura, absorviam a luz artificial com dificuldade.

Horas à frente de um diabólico computador despachando as papeladas essenciais à gestão de Simir era a sua ideia de tortura. As últimas alterações nos fornecimentos semanais dariam por concluídas as hostilidades e, em breve, poderia usufruir de uma hora de exercícios sobre o pano de fundo das Montanhas Rochosas.

Duas batidas na porta e Lia espreitou pela porta entreaberta, de papéis na mão e olhos raiados de vermelho, pediu permissão para entrar.

– Estou quase a terminar. – Jaim declarou, assim que Lia se sentou na cadeira à frente da sua secretária. Em silêncio, ela recostou-se no assento e baixou o rosto, deixando que os longos cabelos negros formassem duras cortinas à sua volta.

– Pronto! Vou enviar as encomendas. Tratas do resto? – Jaim perguntou.

– Amanhã confirmo a recepção, mas não deve haver problemas novamente. – Lia afirmou, passando os documentos que trazia na mão a Jaim, que os assinou de imediato.

– Estás bem? – ele perguntou, observando-a por cima dos óculos.

– Sim. – ela retorquiu, levantando-se enquanto recebia os documentos de volta.

– Tristan... – Jaim começou.

– Hoje não o vi.

– Não voltou a incomodar-te? – ele insistiu, retirando os óculos da cara.

– Não. Percebeu a gravidade do que fez.

– Temos aqui um problema grave. – Jaim murmurou, esfregando a cara com as palmas das mãos.

– Eu sei.

– E... Cole?

– Vamos mantê-lo fora disto. – Lia pediu, de olhos brilhantes.

– Foi uma... infelicidade, que fosse ele a surpreender-vos. – Jaim murmurou.

– Surpreender-nos?

– Lia, tu sabes que Cole não é muito racional naquilo que te diz respeito. Eu compreendo, se quiseste protegê-lo de alguma coisa...

– Protegê-lo? O que queres dizer? – Lia perguntou, olhando o coordenador do centro de treino com uma expressão séria.

– Cole chegou em má altura. Eu sei que não encorajamos cruzamentos mas...

– Estas são as marcas que ele me deixou! – ela declarou, mostrando os pulsos arroxeados. – Haveria outras se Cole não tivesse interferido. Para o inferno com as vossas regras!

Lia saiu do gabinete em passada larga, e de rosto erguido, determinada a esconder as lágrimas que ameaçavam cair. Mostrara-as a todos quando chegara a Simir e onde é que isso a levava? Era humana... inferior. A sua dor nunca seria nada para eles. Não havia motivo para lhes mostrar as suas fraquezas.

Podiam difamá-la! Não tinha importância. Aqueles seriam os boatos que livrariam Tristan da morte... mas não poupariam Cole. Os metamorfos trocariam, sem hesitar, a vida dela pela de qualquer um deles. E talvez isso fosse o melhor... excepto que ela acreditava que Cole acabaria por se autodestruir.

Na solidão do seu banco de rocha, Lia deixou as lágrimas escorrer. O tormento daquele jogo estava gravado em cada tremor de mãos, em cada susto com barulhos inesperados, e o fim aproximava-se. Lia sentia nos seus ossos a veracidade daquele pensamento. Tal como um rato corre pelo campo, procurando salvar a vida, escondendo-se entre as sebes, do milhafre que sobrevoa. A caçada decorria e ela era a presa. Enredada num jogo que, em última instância, reclamaria a sua vida... e a de Cole.

O medalhão de sua mãe pendia do seu punho fechado, um pequeno conforto, enquanto os seus soluços cortavam o silêncio esmagador da paisagem. Fraqueza ou ilusão, cada lágrima era uma prova da sua humanidade... da sua fragilidade.

Uma deslocação de ar gelado sacudiu os seus cabelos negros impelindo-a a olhar na direção do túnel de acesso a Simir. Limpou as lágrimas do rosto com as costas da mão enquanto, na sua frente, um rodopio de vapor ganhava forma humana... Tristan.

Despido e exibindo os olhos amarelos do seu dragão, naquela embalagem, já não disfarçava a perda da sua humanidade. O seu corpo musculado ostentava uma quantidade impressionante de cicatrizes. Algumas delas eram recentes e, sem dúvida, a retribuição de Cole.

Lia levantou-se, enfrentando o homem, apesar de temer a besta que o habitava.

Uma pesada mão descendeu sobre o seu ombro, as garras penetrando o blusão de penas e arranhando a pele, forçando-a a sentar-se de novo. Mesmo por cima da roupa, o aperto era firme, e doloroso. O poderoso metamorfo pairava sobre ela, fazendo-a

sentir-se pequena, encurralada entre ele e o precipício. Lia temera aquele momento e quase desejava que ele a matasse depressa.

Debruçando-se lentamente sobre ela, Tristan de olhos brilhantes e cabelos louros esvoaçantes, sorria com malícia. Sem hesitar, ela desferiu um golpe, acertando nas partes baixas dele com um joelho. O golpe na sua masculinidade surpreendeu-o e fê-lo rosnar, afrouxando as garras que a prendiam, permitindo que ela deslizasse para o chão. Numa queda controlada, ele aterrou em cima das costas dela, o peso massivo do seu corpo prendendo-a contra o chão.

– Desta vez não haverá interrupções, cabra! – Tristan sussurrou-lhe ao ouvido.

– Já te despediste da tua humanidade. – ela cuspiu, tentando sacudi-lo de cima de si.

– Sim. – ele assentiu orgulhosamente, acrescentando – Não preciso dela!

VI

Mesmo do lado de fora dos seus aposentos o perfume adocicado de Lia permeava o ar. Cole sentia-lhe o cheiro e, pela dispersão deste, ela não estava no seu alojamento. Rumou ao local onde desconfiava que ela estaria. Ela adorava observar o lago enquanto pensava na vida e, com certeza, na confusão dos últimos dias.

O banco de pedra vazio sobressaía na penumbra sob o céu estrelado das Montanhas Rochosas. Perscrutou a escuridão assegurando-se que Lia não jazia em nenhum dos recantos da varanda panorâmica. Expirou pesadamente, avançando até os seus joelhos roçarem no assento, e contemplou a extensão de céu e de montanha à sua frente.

Os seus sentidos não detetavam nada fora do comum mas, dentro de si, o seu estômago contraía, as gotículas de suor brotavam do seu torso humedecendo a camisola que envergava. Voltou costas à paisagem. Decidiu fazer nova incursão às salas comuns, locais

onde os residentes de Simir passavam grande parte do seu tempo livre, quando os seus olhos captaram um reluzir ténue no chão.

No meio da plataforma de pedra jazia o medalhão de Lia. A fotografia envelhecida, embutida no suporte de prata, assaltou-o dolorosamente. Nela os pais de Lia sorriam, o sentimento evocando lembranças de outra época, preciosas para a criança que mal os conhecera. Memórias em que Lia pertencia a um lar e onde Cole nada mais era do que um dragão egoísta. Depois da guerra, aquela fotografia, era tudo o que restava de uma felicidade familiar extinta. Fechou o punho, espetando o medalhão na sua palma, e expirou fundo com o ribombar característico do dragão que se prepara para expelir fogo.

Agarrou o colarinho, puxando do torso a camisola que vestia, descalçou as botas e quase arrancou as calças de treino do corpo, largando o medalhão em cima do monte de tecido. Cole deixou o seu animal envolvê-lo, os vapores absorveram a sua forma humana e as réstias da sua racionalidade. As escamas acobreadas irromperam e o seu grito de raiva, ainda meio humano, ecoou pelos corredores de Simir.

Lançou-se da plataforma de observação, expandiu as suas enormes asas, e agradeceu o ar gélido que abraçava a sua forma naquele que poderia ser o seu último voo em liberdade.

Cole ia à caça. Se perder a sua humanidade fosse o preço a pagar, por aquela presa, assim seria. Tristan não iria sozinho para o além. Cole acompanhá-lo-ia de bom grado para o fazer sofrer.

VII

Ainda era visível a clareira que marcava a localização do último posto de defesa humano. Haviam passado mais de vinte anos e o edifício, que albergara os soldados, ainda permanecia de pé. Nas suas paredes escurecidas, nenhum dos dois pisos possuía uma janela à qual não faltassem vidros. Mesmo abandonado e decadente, as paredes evocavam lembranças dolorosas, aquele

fora o local onde Cole vislumbrara quão frágil era a sua humanidade.

Naquela manhã de Inverno, as tropas humanas haviam-se reunido ali, procurando recuperar as forças antes de rumarem a Simir. Acobertados pela floresta circundante, inúmeros soldados aguardavam o apoio aéreo, e a ordem para avançar.

Cole e Jaim patrulhavam os territórios a sul de Simir, quando se depararam com as tropas humanas, demasiado perto do Centro de Treino. Investindo sobre os humanos, os seus fogos espalharam-se por toda a clareira, matando tudo aquilo em que tocava.

Jaim empurrara-os de volta ao posto de defesa, enquanto Cole se assegurava que ninguém sobreviveria, fustigando a habitação de dois pisos com o seu bafo incendiário. A vitória dos dragões fora inquestionável, assim como, a vergonha pelos seus actos.

Cole vasculhou o interior do edifício onde descobriu que nem todos haviam perecido. Viu os danos colaterais da investida na forma de uma criança. Lia jazia desmaiada, enrolada em trapos, junto de dois corpos totalmente carbonizados. Com oito anos, sobrevivera por motivos inexplicáveis quando a seu lado, os seus pais pereciam envoltos em chamas. Com os cabelos negros chamuscados, faces redondas avermelhadas e a fragilidade das crias de qualquer espécie, Lia jazia envolta nas ossadas incandescentes daqueles amava. E essa foi a imagem que quebrou algo dentro de Cole e que firmou que Lia seria sempre sua para proteger.

O dragão acobreado pousou na clareira com uma graciosidade impossível para um animal daquele porte. Estendeu as suas poderosas asas e soltou um rugido gutural. O seu instinto guiara-o de volta ao sítio que ligava Cole a Lia de forma inequívoca. Aquele era o local onde ele a resgatara e, se a ironia servisse, a perderia. Tristan, estratega exímio, soubera escolher.

Chamas bruxuleavam numa das janelas do piso térreo, despertando Cole das suas amargas lembranças.

– Entra, Cole! – A voz de Tristan soou, dentro da habitação.

Assumindo a sua forma humana Cole caminhou, sem qualquer protecção, para a janela iluminada pelo fogo. Numa divisão despida de vestígios humanos brilhava uma fogueira intensa. Lia enrolara-se no canto mais distante da braseira, de faces arranhadas, olhos muito abertos e os escuros cabelos revoltos, observando cada movimento de Tristan enquanto Cole saltava pela janela.

– Achei que não vinhas! – Tristan afirmou, com um sorriso.

– Lia... – Cole murmurou.

– Vai, Lia. Corre para os braços do assassino dos teus pais. – Tristan gozou. – Achas que ele é melhor do que eu? Enganas-te! Cole, conta-lhe o que fizeste.

Os olhos acobreados de Cole reluziram, com um esgar de dor, que se adensou ao enfrentar Lia.

– Cole? – ela murmurou.

– Conta-lhe tudo. – Tristan incentivou, agarrando-a pelo pescoço e levantando-a do chão.

Lia debateu-se contra o garrote, emitindo um pequeno guincho ao sentir-se apertada contra o corpo do seu captor.

– Contas ou parto-lhe o pescoço? – ele perguntou, de sorriso nos lábios.

– Cole! – Lia guinchou, as suas íris negras engolindo o castanho-claro dos seus olhos.

– Pára! Eu... fui eu que matei os teus pais. Fui eu que incinerei esta casa. – Cole bramiu, a sua voz subindo de tom.

As lágrimas escorriam pelo rosto dela, os pés mal tocavam no chão, enquanto Tristan suportava o seu peso com uma só mão enrolada à volta do seu pescoço.

– É este assassino que tu veneras? – Tristan rosnou-lhe ao ouvido.

Lia gemeu algo impercetível, o seu olhar preso no de Cole, enquanto os seus pés balouçavam cada vez mais longe do chão.

– Ele confessa e tu continuas a preferi-lo? – Tristan gritou.

– Sempre! – Lia murmurou.

A incredulidade no rosto de Tristan depressa foi substituída por raiva, rosnando, retorquiu – Metes-me nojo! – E num movimento abrupto atirou-a sobre a massiva fogueira.

Cole precipitou-se sobre as labaredas, que lambiam cada vez mais alto, embatendo em Lia e desviando-a para longe do fogo. O cheiro a pele queimada invadiu o espaço e, entre gemidos e grunhidos, ambos atingiram o chão.

Tristan atira-se sobre Cole mas é arremessado para um canto, por um vulto azulado, que se lançara através da janela. Antes das suas costas tocarem a parede de pedra atrás de si, Tristan deixa-se envolver pelo rodopio de vapor, com um rugido gutural. Entre vislumbres de escamas amarelas e mandíbulas monstruosas, o dragão azul-cobalto de Jaim atira-se sobre ele, fazendo ceder a parede exterior. O embate entre as duas massivas criaturas empurrando-os para fora da habitação, deixando Cole e Lia no meio do pó e entulho.

O som de mandíbulas e garras a rasgar propaga-se pela clareira, enquanto Cole carrega Lia para fora do edifício. O dragão azul-cobalto mantinha Tristan a lutar no solo, agarrava-o com unhas e dentes forçando o desequilíbrio, mantendo-o numa posição rasteira, furando escamas e pele, e infligindo golpes.

Rosnares enchem o ar à medida que os dois dragões se defrontam, contorcendo-se à procura da posição que subjogue o inimigo, e do golpe que o incapacite. Tristan finca as suas mandíbulas no dorso do dragão azul, arrancando músculo e tendões à sua passagem, inutilizando-lhe uma garra dianteira. Com uma patada, empurra-o de cima de si e, impelido pela possante cauda, ganha altitude.

Jaim, com a lateral dianteira encharcada em sangue, estende as suas asas e lança-se na perseguição aérea. Enrolam-se e perdem altitude, descendo a pique, apenas para se embrenharem novamente num voo de garras e mandíbulas, de explosões de fogo e impactos sonoros de escamas e dentes. Com uma das patas inutilizadas, ele tenta proteger o flanco, mas o dragão amarelo abocanha-lhe o pescoço, rasgando-o enquanto este expele um último sopro de fogo.

Envolto numa bola incandescente, Jaim precipita-se sobre o solo embatendo pesadamente na terra. Contorcendo-se numa massiva poça de sangue, o animal esperneia e rosna, assumindo a forma humana. Os rasgões profundos, expondo carne, tendões e ossos de forma grotesca. O seu braço direito pende, preso por fios de carne, enquanto o líquido escuro ensopa a terra à sua volta e ele geme de dor.

Transformando-se, Cole levanta voo antes que as suas garras traseiras toquem o chão, aproximando-se do monstruoso dragão amarelo. Tristan desvia-se a rota de colisão, mergulhando sobre a clareira e Lia, que coxeava na direcção do dragão caído.

Cole abalroa-o em pleno voo, embrulham-se no ar, desferindo golpes. O poderoso dragão de cobre expele fogo, finca as garras e procura o seu inimigo com estalos de mandíbulas. Simulando um ataque marginal, Cole cai sobre Tristan, perfurando o dorso do dragão amarelo com as suas quatro garras e rasga-lhe o pescoço com as mandíbulas.

Tristan tomba sobre o solo, num grotesco espetáculo de sangue e carne, rosnando e esperneando freneticamente. No chão o impacto da sua pesada forma levantando uma enorme nuvem de pó. Em segundos, Cole pousa ao seu lado, arquejando pesadamente. O seu dorso acobreado vibra com um rugido, que se propaga pela floresta, de asas abertas domina a clareira engolindo a imagem do fogo que se propagara pelo edifício atrás de si.

À sua frente, o inimigo é devolvido à forma humana. O cabelo louro transforma-se numa pasta vermelha, o pescoço aberto em dois, já não oculta o esbranquiçado dos ossos. Dobrado num ângulo esquisito, solta um último suspiro e as pupilas expandem, deixando o seu corpo subitamente imóvel.

Cole treme com violência, mesmo quando as nuvens de vapor engolem o dragão, soltando um rugido ainda animal, quando o homem emerge. Arquejando, e encharcado em suor, deixa-se cair de joelhos.

Um gemido impele-o a levantar-se, para voltar a cair perto de Lia, onde ela se ajoelhava junto de Jaim. Este jazia numa amálgama de fluídos humanos que abraçavam o seu corpo agora disforme.

– Foi ele. – Jaim ofegou, a dor contorcendo as suas feições.

– Está morto. – Cole respondeu, as suas mãos hesitando tocar no amigo.

– Cole, ele estava aqui.

– Sim, ele trouxe Lia para cá. – Cole retorquiu.

– Os pais de Lia... Eu tentei... – o homem ferido continuou, apertando o braço de Cole com a mão que ainda estava presa no sítio.

– Ele sabia.

– Ele estava aqui. Naquele dia... ele estava escondido na floresta. Encurralou-os... Ajudou a matá-los... – Jaim sussurrou, os seus olhos azuis vitrificando.

As entranhas de Cole revolveram-se. Tristan sabia que Cole matara os pais de Lia. Sabia que naquela manhã ele quase perdera a sua humanidade a favor de uma guerra sem propósito. E Jaim protegera-o. Mais uma vez, Jaim testemunhara o esvair da racionalidade de Tristan e nada fizera para o impedir.

Cole sacudiu a mão débil de Jaim do seu braço, rosnando – Há vinte anos que conhecias o estado dele! E não fizeste nada?

- Não. Ele sabia o que tu fizeste... – Jaim sussurrou, inspirando enquanto um gorgolejar emanava do seu peito.
- Ele enlouqueceu! E tu assististe enquanto ele andava por aí a perseguir inocentes.
- Já tinha perdido um... não te iria perder também... – Jaim gemeu, tremendo abruptamente para a seguir se imobilizar. A sua próxima inspiração foi a última, deixando Cole entregue à sua dor.

VIII

Do banco de Lia, Cole observava as bandeiras azuis que balouçavam, uma no topo de cada montanha, do Vale dos Dez Picos. Os enormes panos simbolizavam a liberdade que só o vento lhes concedia e a homenagem ao poderoso dragão azul-cobalto que os deixara. Naquela manhã, as águas do lago eram como um espelho do céu, o vento frio soprava, e a solidão era bem-vinda. Um vazio gelado tão idêntico ao que Cole sentia desde que Jaim morrera.

Lia havia passado a noite no Centro Médico, onde ainda estaria a recuperar dos ferimentos, enquanto os restantes habitantes de Simir permaneciam absortos, entre os preparativos para os funerais, e o luto por Jaim e Tristan. De pé sobre a plataforma esculpida na pedra, Cole inspirou fundo, procurando conter o turbilhão de pensamentos que o assaltavam. Era preciso honrar o dragão de Jaim, enterrar Tristan e preparar a visita do Concelho Ryuma. Não havia como fugir à visita, ou à investigação das mortes, e à nomeação do novo coordenador de Simir. Mas, acima de tudo, Cole pensava em Lia e em como obter o seu perdão.

Depois de tudo o que transpirara na noite anterior ele sabia que protegê-la seria mais difícil se fosse contra a sua vontade. Cole não o merecia o seu perdão e talvez nunca o obtivesse, restava-lhe servi-la como pudesse. O vento frio, que remexia o seu cabelo e lhe esfriava o corpo, trazia consigo o aroma adocicado de Lia.

- Conta-me... – Lia pediu, ocupando o seu assento preferido.

Cole olhou para ela, os seus lábios formavam uma estreita linha quase branca, tal a força com que os comprimia.

– Senta-te. – ela pediu, pousando a mão no antebraço de Cole, por cima da camisola azul escura que o cobria.

Assentindo, Cole sentou-se ao lado dela, ocupando o resto do banco de pedra. Manteve as costas voltadas para a paisagem, enquanto Lia se enrolava na sua posição preferida, de joelhos junto ao peito envolvendo as pernas com os braços.

– Não devias estar a descansar? – Cole perguntou, olhando-a de soslaio.

– Estou bem. O médico disse que podia voltar à minha vida normal... se possível. – Lia retorquiu.

A visão periférica de Cole distinguia, na perfeição, a face redonda de Lia. Ela observava-o, esperava uma confissão, talvez a oportunidade de o punir diretamente. Ele merecia-o, e queria dar-lhe a possibilidade de retribuição, de compensar um pouco a sua dor.

– Naquele dia... eu e Jaim encontrámo-los naquela casa. Estavam tão perto de Simir e paz não era o que lhes ia na mente. – ele murmurou, mantendo o seu olhar fixo no chão, continuou após uns momentos – Jaim perseguiu os que acampavam na floresta, eu fiquei com o posto... Eu matei-os a todos. Incinerei-os.

– Estávamos em guerra. – Lia retorquiu baixinho.

– A guerra não justifica tudo. Eu podia ter parado, mas não o fiz. Não cessei fogo até todos estarem mortos. Todos menos... – Cole continuou, fechando os olhos e inspirando profundamente.

– Eu. – Lia ofereceu quando se tornou óbvio que Cole não iria continuar.

– Eras tão pequena, envolta em trapos... tão perto deles. Não sei como sobreviveste.

– Eu não sobrevivi. Eu não estava lá. – Lia murmurou, fazendo com que Cole se voltasse abruptamente na sua direcção.

– Fui eu que te tirei daquela casa. – Cole gemeu, fechando os punhos.

– Não me lembro de muito mas quando Jaim falou em Tristan algumas memórias voltaram. Lembro-me da floresta, do receio dos meus pais em retornar a casa... Acho que foi Tristan que nos levou para lá. Recordo-me de ter medo de um dragão amarelo e do cheiro a queimado que ficava cada vez mais forte e... de ti a voares sobre a nossa casa. Foi Tristan que nos empurrou de volta para lá, que não nos deixou fugir. – ela afirmou, enquanto as lágrimas escorriam pelas suas faces.

– Não pode ser! – Cole bramiu.

– Jaim disse que ele estava lá. Eu lembro-me dele.

– Fui eu que os matei! – ele continuou, a sua voz rasgada pela dor.

– Foi ele que os matou. Não estaríamos ali se Tristan não nos tivesse encurralado e perseguido de volta.

Cole deixando-se cair sobre os seus joelhos, prostrou-se na frente de Lia. Os seus olhos castanhos cor de cobre reluziam, neles uma expressão de mágoa profunda.

– Não mereço o teu perdão, mas quero pedi-lo. Perdoas-me? – Cole murmurou, segurando uma das mãos dela nas suas.

– Não há nada a perdoar. A culpa foi de Tristan e da guerra. Eles iam invadir Simir, vocês defenderam o vosso território.

Cole limpou as lágrimas das faces de Lia. Os seus próprios olhos humedecidos focavam o rosto dela, procurando memorizar cada contorno.

– Cole... Obrigada. – Lia murmurou.

– Porquê?

– Por te preocupares comigo estes anos todos. – Lia continuou – Receei...

– O quê? – Cole inquiriu, quando Lia hesitou.

– Receei perder este Cole. – ela retorquiu, desviando o olhar do dele.

– Eu também... Quero devolver-te isto. – ele afirmou, estendendo o medalhão de prata.

– Ah! Pensei que o tinha perdido de vez. – murmurou, abrindo a peça para poder observar a imagem sorridente dos seus pais. – Eles teriam gostado de ti.

– O animal feroz e irascível que os separou da única filha?! Duvido.
– Cole retorquiu, com um sorriso perturbado.

– Um dragão protetor e um homem decente. – ela corrigiu, colando a palma da sua mão na face morena de Cole.

Cole ergueu-se, os seus dois metros e qualquer coisa de altura, um muro disposto a proteger Lia. Estendendo a palma da sua mão para ela, murmurou – Preciso de me despedir de Jaim, acompanhas-me?

– Sempre. – Lia retorquiu, colocando a sua mão na dele e acompanhando-o de volta aos túneis de Simir.

###

Obrigada por leres deste conto. Espero que tenhas gostado e que deixes a tua opinião aqui no Smashwords ou em qualquer outro dos meus contactos virtuais.

Sobre a autora:

Sou lisboeta, nascida e criada na capital, onde estudei e vivo. Autora, bloguista, poetisa nas horas conturbadas e amante das letras em geral. Sou tantas outras coisas que não são relevantes para este espaço e outras tantas que, sem dúvida, serão.

Adoro escrever, ler, viajar, cantar, desafiar-me e apreciar as complicações da natureza humana. Amigos e família são as minhas

pedras basilares, apesar de gostar bastante de estar sozinha. Leitora desde tenra idade descobri na ficção, e no género fantástico, uma paixão pessoal. Sem demais pretensões, tenho procurado gerar valor em tudo aquilo que faço, aprender tudo o que posso, perseguir aquilo que desejo e descobrir caminhos neste meio literário.

Em 2011 publiquei o meu primeiro livro 'Percepção', através da Alfarroba e, em 2012, o poema 'Ausência Consagrada' no volume III da Antologia 'Entre o Sono e o Sonho' pela Chiado Editora.

Sou administradora do blogue 'Sara Farinha', a minha plataforma autoral desde 2007, e de dois outros, um dedicado ao meu livro publicado, e outro à minha paixão por poesia 'Ser Poeta'. Sou, também, parte integrante da equipa do Fantasy & Co., um grupo de escritores de Literatura Fantástica Portuguesa. Um projecto inédito, construído com empenho e visão, que se propõe a divulgar a fantasia que se constrói por cá.

Convido-vos a explorarem todos estes cantinhos literários e a deixarem os vossos comentários.

Contactos de Sara Farinha:

mailto: sara.g.farinha@gmail.com

[Blogue Sara Farinha](#)

[Website Sara Farinha](#)

[Google+ Sara Farinha](#)

[Facebook Sara Farinha](#)

[Goodreads Sara Farinha](#)

[Smashwords Sara Farinha](#)